

Revista Eutomia - Ano III - Volume 1 - Julho/2010

O deus-paquiderme

Flavio Ferreira - UFRJ¹

*Immo, per imum
Ad immortalitatem*

Om

sobre os galhos retorcidos
de emaranhado sentimento
pousa os pés El-iludido
atrás do fruto dum alento
que procura sempre altivo
todo o real conhecimento

todas coisas escondidas
do baixo chão ao alto céu
fazem juntas toda a vida
e a gruta fria onde deus
brota limpo em água-viva
do teto pinga em grade o fel

na gruta pousam os galhos
que do chão sustentam estrelas
três tempos emaranhados
pingando do céu como tetas
onde o homem em frangalhos
vai a este amor que o rejeita

quando enfim a teta agarra
pousa os pés na onírica abóbada
com um arco ele amarra
todas as coisas de resposta
e a seta do peito traga
e a aponta para o deus de alcova

com este amor estelar
todo o ar para a gruta assopra
para a flecha carregar
ao deus-baleia donde brota
todo céu e todo mar
e a seta que o acerta de volta

¹ **Flavio Ferreira** (1987) é poeta e graduando em Letras (Português – Literaturas) na UFRJ.
E-mail: flcferreira@gmail.com

Ardhanari

centenas de rios na estepe indecisa
circundando-se em si como uma sina
do mar correm rubros de amor e cinza
para elevar no centro uma colina
tomando os céus de estrela cristalina

e os seus céus abraçam a terra prima
engolfando-a e levando-a mais acima
até no âmago a estrela atingida
chorar suas lágrimas de sal inda
chacinando da estepe toda lida

quando a montanha em vulcão convertida
vomita aos céus a branca lava anímica
cuspo de fora de mim minha vida
para cair no chão morto sem sina
e elevar novamente minha pira

O deus silente

ribomba um deus aos ouvidos do chão
travestido de homem arrefece
tropeça um viajante na solidão
e o segredo de estar ali el comete

o meio da estrada
na estrada aparece
interrompe-se um passo
um outro acontece
outras vias abrem
plos membros sem prece
o que fazem os pés
numa dança inerte

entorno do paquidérmico homem
a multidão aglomera a atenção
e seus pés inchados que tanto somem
descansam seu peso em travessão

a via envia a cisma
el cisma sua sina
flutuam seus pés
flui a via a alquimia
que vem vai ao revés

da boca que silencia
que lhe devoram
vários seus pés

do horizonte longínquo vêm-lhe reis
do horizonte longínquo o sol na tez
perguntas ao deus estendem ao som
dos ouvidos à boca nadas vão

runas vão à língua
p'las mãos do sábio pai
o anseio da poesia
cobrem com treva os ais
qu' as runas prometem
ao jovem deus revelar
o alto sol qu' el se faz
são a treva que será

u'a assoada da tromba d' el revelada
revela aos homens que tanto 'speravam
junto d' el paquiderme tombam todos
silentes qual deus ao que mandam rogo

O deus demente

vinde vinde à lunar dança
despe-te a face de fel
'tão lança-te qual pujança
de ver vil o deus no céu
 ó fausto fausto
 ó claro raio
vinde ao pé ao pé de mim
queime sangue e rasgue enfim
 ó. ó. ó. ó!
cô céu rubro vesti-me junto
ao deus longo de ruído junco
dançai comigo a fauce rota
lançai rios em minha boca
 de mel, leite e fel
 de vindo vinho réu

seja eu teu velamento
seja eu teu cru intento

 eia eia!
cavalguemos as feras mortas
dancemos as trevas postas
 carne langue e sangue
embriaguemo-nos daqui em diante
 carne langue e sangue

eia!

seja eu teu velamento
seja eu teu cru intento

n'altivo festim
corta a carne
os dentes o sangue
clareia marfim
a terça parte
: o que vem adiante
eia eia!

carne langue e sangue
carne langue e sangue
divididos os dois o terceiro plange
carne langue e sangue
carne langue e sangue
carne langue e sangue

ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-haa-haaaa
ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-haaaaaaaa

domar à unha o bravio toiro
adornar dentes cheios d'oiros
meter na fauce o ventre
e o leite de corvos
dançai à tarde o fogaréu
sacrificai-me qual um réu!
(à cova crua
à gruta abrupta
um bode dança
montado às ancas
e espia a via
morrente do sol,
e faz-se a si)

seja eu teu velamento
seja eu teu cru intento

ah...
gira a terra a terra gira
gira andança na dança vira
célere célere
célere célere
do chão levanta a bruma
de molhadas cinzas cruas
breve cedo molha a grua
rápido rápido
rápido rápido
corta o vento seus espasmos
nos trilhos gira em pedaços
queima o corpo em laço lasso
lança aos ventos os teus braços!

bem-aventurados os que aventam a ventura
rechaçados plos suspiros de amargura
dos ventos a comer as carnes
 cortando-as parte a partes
 pouco a pouco até que suma
ah ventos frios de morte inconclusa
passai por mim dentro divina cura
 ah gigante de gelo
 de norte enlevo
dilacerai minha carne toda
enquanto danço em vossa boca...
 célere célere
 célere célere
 gira gira!
 rápido rápido
 gira até que suma
 gira até a espuma
borbulhar da boca suja
 gira até que suma
 gira até que suma
 eia eia!
 levanta até a altura
logo cedo a compostura
pisa a face d'amargura
 gira até que suma
pisoteia a partitura
 gira até que suma
 gira até que suma
 gira até que suma
 gira até que suma
 gira até que suma...

.....
.....

já morto jazem aos pedaços
os infindos largos passos
que na terra sempre afundam
onde unidos tais se fundam
num só passo gasto
com p'gadas n'espaço...

 ai de mim
 ai de mim!
 que morro sempre enfim
na dança rubra de fogo
pisando sangue jasmim
 na terra lanço rogo
 na terra lança posto
 encrava e fere pedra
 difere e infere perdas
 uh, uh, ah...
 uh, ah, uh...

uh, uh, uh...
ah, ah, ah!...

deito em cama de prego
parafuso revelo dentro
danço em brasas reto
queimo o corpo e morro certo

deum dementem deuro